

ALICIAR PARA MATAR

Dom.
13/1/85

O relato do último ataque a um machimbombo em Manhiça traz-nos mais elementos para pensarmos o fenómeno banditismo e avaliarmos as suas implicações sociais e morais. Crianças com oito, nove anos são preparadas para cumprir missões e praticar actos de terrorismo. Não são usadas apenas como elementos de apoio. Elas próprias são sujeitos, transportam e utilizam armas. Numa palavra, elas matam. Esta forma de transformar crianças em assassinos pode dizer dos escrúpulos dos bandidos armados, da ausência de moral que o banditismo transporta.

Mas não é possível ficar-se pelos aspectos morais deste envolvimento de seres inocentes. Há que pensar nas repercussões familiares e sociais deste envolvimento. Ao aliciarem crianças para matar, ao raptarem jovens os bandidos forçam situações de cumplicidade. Os familiares dos pequenos criam um laço (involuntário, é certo) com o terror. É mais difícil, assim, denunciar a presença dos bandidos. Para os próprios jovens raptados não é fácil desligar-se, negar a propaganda que circula dentro do banditismo de que quem se entrega é morto pelas autoridades moçambicanas. Impossibilitados de forjarem ligações de consciência ou adesões por convicção os bandidos armados utilizam o compromisso forçado, a cumplicidade do crime.

Como serão, amanhã, as crianças hoje recrutadas pelos bandidos? Como se divorciarão dos vícios e da imoralidade que neles é incutida? Como explicar-lhes o amor pelo próximo, o respeito pela vida humana? Como ensinar-lhes o valor da família, os ideais de pertencer a um país e a uma cultura?

As crianças assim roubadas ao seio das suas famílias são as sementes da quarta calamidade. O nosso país é pobre, não herdou instituições sociais que possam absorver estes seres transviados. O banditismo não agride apenas o nosso presente. Agride o nosso futuro, preparando hoje as dificuldades de amanhã. O banditismo não agride apenas o nosso projecto político: ataca toda a nação, magoa toda a comunidade moçambicana, envenena os princípios morais básicos da sociedade, naquilo que é a seiva da nossa nação. ■